

SEMANA 14 – REPERTÓRIO – Atualidades

Literatura e Diversidade Cultural Aracy Alves Martins

Se buscarmos, nos dicionários mais utilizados no Brasil, definições para a expressão “diversidade cultural”, encontraremos, primeiramente, significados para o termo diversidade, no campo semântico de diverso, plural, múltiplo, no sentido de várias possibilidades, facetas. Por esse ponto de vista, cada ser humano ou cada grupo busca sua identidade, distinguindo-se em função das riquezas da sua singularidade. Entretanto, nos próprios verbetes, outros sentidos são atribuídos, certamente em decorrência das interações humanas: além de considerarem diversidade como sinônimo de diferença, acrescentam significados negativos: dessemelhança, desarmonia, divergência.

Alguns autores se perguntam, pensando numa pluralidade de culturas, nas relações horizontais entre os povos, mediante as hierarquias estabelecidas pelo poder que uns pretendem exercer sobre os outros: que grupo tem o direito de definir, em lugar dos outros, aquilo que deve ser significativo para eles? Outros defendem, mediante o poderio do pensamento do homem branco europeu dominante no mundo, a possibilidade de questionar essa branquidade normativa e valorizar as relações sul/sul, entre países chamados de periferia, como produtivas e enriquecedoras para a humanidade.

A escola, no Brasil, procura atender às leis que pretendem assegurar direitos, por exemplo, a duas etnias que constituem o povo brasileiro: como resultado da luta histórica de movimentos sociais, ao longo das décadas, a Lei 10.639/2003 busca valorizar a contribuição dos africanos, enquanto a Lei 11.645/2008 inclui os indígenas, tornando obrigatório, em todas as escolas públicas e particulares, de Ensino Fundamental e Médio, em todo o país, o estudo da história e da cultura dessas duas etnias, sobretudo nos campos da História, da Arte e da Literatura.

A partir dessas datas, os processos de formação de professores passaram a demandar produções que pudessem atingir crianças e jovens, considerando, pelo ponto de vista do letramento literário, que os conceitos básicos para a vida democrática - mas, também, os preconceitos - são aprendidos na infância, com os pais, com seus pares, na escola, na comunicação de massa, na interação em sociedades multiétnicas, e também a partir da literatura, sobretudo aquela voltada para crianças e jovens. Por isso, recentemente, algumas produções dessa literatura têm buscado a riqueza de novos protagonismos, tanto na história como na ficção. Assim, explodem produções editoriais não somente sobre mitos, contos e lendas africanos e indígenas, histórias de sofrimento como a de Zumbi, mas também de personagens felizes, no processo de construção sócio-histórico-cultural de sua autoestima.

Para outras chamadas minorias, como o sexo feminino, a homossexualidade, a velhice, a juventude, a infância, a obesidade, pessoas com deficiência motora, mental, visual, auditiva, entre muitos outros, também se buscam melhores condições e tratamento digno. Obras há que trazem a ideia do homem que chora e de que o choro às vezes deixa a gente mais homem, ou livros que admitem que Meninos podem ser frágeis / Meninas podem ser fortes. Isso ocorre desde cedo, nas práticas de alfabetização e letramento, muitas vezes apenas com narrativas visuais que nos mostram que a criança não tem preconceito, como no livro em que, enquanto as mães de etnias diferentes se estranham, as crianças entre si descobrem outros encantos. Criança assim, gente miúda, que pensa graúdo, vai crescendo saudável, respeitando o outro e suas diferenças, considerando que crescer é descobrir um vasto mundo de Raimundos e Raimundas / Antônias e Antônio, e Bandeiras e Machados e Rosas. E Clarices [...]. Mundo de Constanças e inconstâncias e de Pedros e de pedras no caminho.

Por todas essas razões, as perguntas continuam em busca de vivências humanas em que se possa constatar que diversidade não é demérito, que diferença não é deficiência.

Pierre Bourdieu (sociólogo francês, 1930-2002)

Pierre Bourdieu trabalha com o conceito da **violência simbólica**. Tal violência é exercida sem coação física, mas causa diversos danos, como morais e psicológicos. Nesse sentido, observam-se tanto padrões de comportamentos impostos pelas camadas dominantes quanto as suas reproduções por todos os segmentos do tecido social. Desse modo, ocorre a naturalização da marginalização de certos grupos na sociedade, como a sua limitação no acesso a espaços dominados pelas camadas privilegiadas.

A REPRESENTATIVIDADE NA LITERATURA

Conversamos com Patrice Lawrence, autora de *Cores Vivas*, sobre a importância de autores negros contarem as suas histórias

Patrice Lawrence nasceu em Brighton, Inglaterra, em uma família de classe média. É escritora, jornalista, e possui um mestrado em redação para cinema e TV. Durante um curso de escrita forense teve a ideia do seu primeiro livro, *Cores Vivas*, uma história jovem adulta sobre a marginalização do negro, mas acima de tudo, sobre amor, compreensão e respeito. Autora premiada com o Waterstones Children's Book Award e o The Bookseller ya Book Prize em 2017, nos apresenta a uma Londres que vai muito além dos pontos turísticos: aqui, conhecemos o cotidiano de uma família que não vive na área nobre da cidade, mas em proximidade com um submundo em que a violência é constante, e o medo é apenas uma consequência. Com sua obra, Patrice busca promover a esperança entre as famílias que vivem presas à violência de gangues locais, assim como evidenciar a situação real enfrentada por muitos adolescentes negros. Por isso, convidamos a autora para falar sobre a representatividade na literatura mundial e a importância de autores negros contarem as suas histórias:

Darkside: Patrice, você já conquistou o coração dos leitores brasileiros com a história de Marlon em *Cores Vivas*. Como você se sente quando obras que propagam a representatividade negra na literatura conquistam o mundo desta maneira?

Patrice Lawrence: Levei muito tempo para escrever histórias com personagens negros. Todo livro que eu gostava quando criança era escrito por uma pessoa branca e era sobre crianças e famílias brancas (a menos que fosse sobre animais!). Então, quando *Cores Vivas* foi publicado, fiquei com medo de aumentar os estereótipos de jovens negros como membros de gangues. No entanto, Marlon é mais do que isso. Ele é um nerd de ficção científica, viciado em *Matrix* e *Star Trek*, que se preocupa profundamente com seus amigos e familiares. Era importante para mim escrever sobre os pontos fortes das famílias negras em Londres, bem como os seus desafios. Ver *Cores Vivas* sendo traduzido para diferentes idiomas é incrível e espero que a história de Marlon também seja universal.

D: Você acredita que hoje, com o espaço que os livros com representatividade ganharam, é mais fácil para um autor negro publicar sua obra ou ainda há muito a melhorar?

PL: No Reino Unido, a indústria editorial ainda é predominantemente de classe média alta e branca, então há muitos debates no mercado editorial sobre os autores que são publicados e o tipo de história que eles escrevem. No caso de *Cores Vivas*, por exemplo, apenas um editor do Reino Unido estava interessado na história, talvez porque os outros não sabiam como divulgar uma narrativa sobre um garoto negro no Reino Unido – parece haver mais confiança em autores norte-americanos para este modelo de história. Ou talvez os outros editores não tivessem uma conexão pessoal com a trama, pois não precisavam pensar em como é ser negro em uma sociedade branca. No entanto, este ano houve uma celebração da escrita negra do Reino Unido em todos os gêneros (poesia, ficção, infanto juvenil, biografia e ensaios). Editores independentes liderados por negros, como Hope Road e Jacaranda, estão nos ajudando a redescobrir autores já publicados e também novos talentos. É um momento emocionante para nós.

D: Como você se sente sabendo que seu trabalho vai inspirar uma nova geração de autores negros a contar suas próprias histórias?

PL: Para mim, isso é a coisa mais importante. É sobre ser negro, mas também sobre a classe social. Minha mãe era enfermeira e meu padrasto italiano era carregador no mesmo hospital que ela trabalhava. O mercado editorial raramente celebra escritores de cores ou vozes da classe trabalhadora e isso passa aos jovens uma forte mensagem. Mas quero que os escritores negros saibam que são talentosos, únicos, e que suas histórias merecem ser contadas.

D: E já que estamos falando de representatividade na literatura mundial, quais autores negros a inspiram?

PL: Eu encontrei obras de Toni Morrison e James Baldwin por acidente em livrarias de segunda mão. Suas histórias eram novas e convincentes, mas também sobre os EUA... E eu não conseguia entender por que os negros no Reino Unido não podiam encontrar suas próprias vozes. Então eu descobri os poemas de Fat Black Woman, de Grace Nichols – uma escritora britânica da herança guiana. Foi uma verdadeira alegria quando ela me permitiu usar seu poema *Praise Song For My Mother* como a abertura para o meu segundo livro para jovens adultos. Malorie Blackman também é inspiração. Ela é britânica e escreve histórias sobre famílias negras para crianças e jovens. Finalmente, a acadêmica e escritora, bell hooks (pseudônimo), mudou minha vida. Seus livros, *Olhares Negros: Raça e Representação* e *Anseios: Raça, Gênero e Políticas Culturais* me deram permissão para me afastar do olhar branco, que eu adotara como meu próprio olhar. Isso me fez sair das margens e realmente acreditar que minhas experiências, opiniões e visão de mundo eram importantes.